

COMÉRCIO EXTERIOR DAS AGRICULTURAS PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2011: distintas composições estruturais e diferenças de desempenho¹

José Sidnei Gonçalves²
José Roberto Vicente³

1 - INTRODUÇÃO

A economia brasileira emerge com base na agricultura na expansão do capital comercial internacional no século XV sendo, portanto, sua dinâmica atrelada à demanda internacional desde seus primórdios, estruturando-se na base da empresa comercial (FURTADO, 1989). Desde então vem processando intensas transformações estruturais, sendo exatamente dessa face exportadora da agricultura consubstanciada no café paulista, que se implantaria o processo de industrialização, primeiro incorporando os padrões da 1ª Revolução Industrial (CANO, 1980), depois avançando para outros movimentos de transformação produtiva (CANO, 1993).

Em função dessa característica da agricultura brasileira que não apenas se reproduz como se aprofunda na sua trajetória histórica, a análise do desempenho do comércio exterior permite revelar distinções estruturais relevantes cuja percepção se mostra fundamental para a formulação e execução de políticas públicas. Este trabalho, mais que compilar os resultados do desempenho da agricultura paulista com base no comércio exterior do período 1997-2011, busca inseri-los no contexto nacional para

ampliar a compreensão desse processo ao destacar as diferenças estruturais, além de associar esses indicadores com as mudanças na política cambial e com os movimentos dos preços internacionais.

2 - EVOLUÇÃO DO DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR PAULISTA E BRASILEIRO

As exportações paulistas avançaram no período 1997-2009, de US\$18,09 bilhões para US\$42,48 bilhões. Esse movimento se deu em três fases, a primeira com ritmo reduzido, no decorrer dos seis primeiros anos analisados (1997-2002) quando evoluíram de US\$18,09 bilhões para US\$20,11 bilhões. Na segunda fase, as exportações paulistas obtiveram crescimento significativo saindo de US\$20,11 bilhões em 2002 para atingir US\$57,33 bilhões em 2008. Em 2009, os impactos da crise econômica mundial produziram queda nas exportações que recuaram para US\$42,46 bilhões, aumentando para US\$52,29 bilhões em 2010 e US\$59,91 bilhões em 2011. Nas importações paulistas houve oscilações entre os anos de 1997 e 2002, com leve tendência de queda, saindo de US\$28,53 bilhões para US\$19,84 bilhões. Porém, após esse período ocorreu acréscimo, avançando em ritmo acelerado para atingir US\$66,34 bilhões em 2008. Com a crise internacional da metade de 2008 em diante, a desvalorização da moeda brasileira ocorrida num primeiro momento, cujos efeitos perduraram em grande parte de 2009, provocou a redução das aquisições externas que somaram US\$50,48 bilhões. A volta da valorização cambial elevou as aquisições externas para US\$67,77 bilhões em 2010 e US\$82,16 bilhões em 2011 (Tabela 1).

¹Trabalho elaborado com base na compilação dos resultados do acompanhamento da balança comercial realizado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Agência Paulista de Tecnologia da agricultura (APTA). Os dados básicos utilizados neste estudo tiveram como fonte primária o sistema ALICE-Web, da SECEX/MDIC. Os procedimentos no tratamento dos dados estão descritos com detalhes em Vicente et al. (2002). Registrado no CCTC, IE-09/2012.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sydy@iea.sp.gov.br).

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: jrvicente@iea.sp.gov.br).

TABELA 1 - Balança Comercial do Brasil, Demais Unidades da Federação e São Paulo, 1997-2011 (US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Demais unidades			São Paulo		
	Export.	Import.	Saldo	Export.	Import.	Saldo	Export.	Import.	Saldo
1997	52,99	59,75	-6,75	34,90	31,22	3,68	18,09	28,53	-10,43
1998	51,14	57,71	-6,57	32,91	29,78	3,13	18,23	27,93	-9,71
1999	48,01	49,21	-1,20	30,47	25,90	4,57	17,54	23,31	-5,77
2000	55,09	55,78	-0,70	35,30	30,21	5,09	19,79	25,58	-5,79
2001	58,22	55,57	2,65	37,60	30,79	6,81	20,62	24,78	-4,15
2002	60,36	47,24	13,12	40,26	27,41	12,85	20,11	19,84	0,27
2003	73,08	48,30	24,78	50,01	27,97	22,04	23,07	20,33	2,74
2004	96,47	62,83	33,64	65,43	35,72	29,71	31,04	27,11	3,93
2005	118,31	73,61	44,70	80,30	43,11	37,19	38,01	30,50	7,51
2006	137,81	91,35	46,46	91,66	54,30	37,36	46,15	37,05	9,10
2007	160,65	120,62	40,03	108,92	72,20	36,72	51,73	48,42	3,31
2008	197,94	172,98	24,96	140,24	106,86	33,38	57,70	66,34	-8,64
2009	152,99	127,65	25,35	110,53	77,16	33,37	42,46	50,48	-8,02
2010	201,92	181,65	20,27	149,62	113,88	35,75	52,29	67,77	-15,48
2011	256,04	226,24	29,80	196,13	144,08	52,05	59,91	82,16	-22,25

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Os saldos da balança comercial paulista mostraram notável reversão de resultados no período 1997-2007. De uma realidade de déficit no período 1997-2001 - embora recuando de US\$10,43 bilhões negativos em 1997 para US\$4,15 bilhões negativos em 2001 - em 2002 a balança comercial paulista mostrou saldos positivos atingindo US\$0,27 bilhão. Esse superávit ampliou-se nos anos seguintes para alcançar a expressiva soma de US\$9,10 bilhões em 2006. Entretanto, em 2007 reverte-se a tendência, com queda do saldo comercial para US\$3,33 bilhões. Essa reversão levou a déficits da ordem de US\$8 bilhões em 2008 e 2009, saltando para US\$15,48 bilhões em 2010 e atingindo resultado negativo de US\$22,25 bilhões em 2011, novo patamar recorde do período 1997-2011 (Tabela 1).

As exportações das Demais Unidades da Federação apresentaram queda entre 1997-1999, saindo de US\$34,90 bilhões para US\$30,47 bilhões. Após esse período, elas se mostraram crescentes, tendo acelerado esse ritmo a partir de 2002, alcançando o valor de US\$140,24 bilhões em 2008. Em 2009 a realidade de crise mundial produziu a queda das

vendas externas desse conjunto de Unidades da Federação, cujo valor atingiu US\$110,53 bilhões. Em 2010, reverte-se a realidade comercial com novo avanço para R\$149,52 bilhões de vendas externas, tendência que continua em 2011 quando alcança US\$196,13 bilhões. O valor das importações das Demais Unidades da Federação entre os anos de 1997 e 2002 mostra variações com leve tendência de queda, iniciando o período com US\$31,22 bilhões e fechando com US\$27,41 bilhões. Após esse momento, seu valor elevou-se de forma significativa chegando à quantia de US\$106,86 bilhões em 2008, recuando na conjuntura da crise mundial para US\$77,16 bilhões em 2009, mas com câmbio valorizado experimentou nova alta, para US\$113,88 bilhões em 2010 e para US\$144,08 bilhões em 2011 (Tabela 1).

O saldo da balança comercial das Demais Unidades da Federação foi positivo em todos os anos, iniciando o período com US\$3,68 bilhões em 1997 e fechando com US\$36,72 bilhões em 2007. A partir de 2001 os valores começaram movimento mais consistente de aceleração, embora a partir de 2006 note-se uma perda de dinamismo refreando a expansão

do período 2000-2005, ao mostrar persistente recuo para atingir US\$33,37 bilhões em 2009. Em 2010 há reversão da queda do saldo comercial com crescimento para US\$35,75 bilhões, movimento que continua para alcançar US\$52,05 bilhões em 2011 (Tabela 1).

As exportações brasileiras terminaram 1997 com US\$52,99 bilhões e caíram nos dois anos seguintes, atingindo US\$48,01 bilhões em 1999. Porém, a partir de 2000, as vendas externas cresceram, com notória aceleração a partir de 2002, atingindo o pico em 2008 com US\$197,94 bilhões. Em 2009 com o cenário da crise internacional as exportações revertem a tendência diminuindo para US\$152,99 bilhões, mas em 2010 verifica-se forte incremento das vendas externas que tem continuidade em 2011 alcançando US\$256,04 bilhões, o maior patamar histórico. Entre os anos de 1997 e 2002 as importações brasileiras exibiram comportamento instável; a partir do ano de 2002 é que se iniciou uma fase de crescimento. O valor em 1997 era de US\$59,75 bilhões e o de 2008 alcançou o pico de US\$172,98 bilhões. Em 2009, a desvalorização da moeda brasileira no segundo semestre e a crise internacional levaram a queda das aquisições externas para US\$127,65. Em 2010, verifica-se nova reversão com aumento que avança para 2011, saltando para US\$226,24 - também recorde - na esteira de nova intensificação da apreciação cambial (Tabela 1).

O saldo da balança comercial brasileira apresentou déficits entre 1997 e 2000, iniciando esse período com US\$6,75 bilhões negativos e conseguindo reverter essa situação somente no ano de 2001, quando o saldo atingiu patamar de US\$2,65 bilhões positivos. A partir de então se realiza intensa aceleração dos superávits, com seu valor fechando o período 1997-2006 em US\$46,46 bilhões. Em 2007 essa tendência reverte-se com obtenção de saldo comercial menor - ainda que positivo - e atingindo US\$40,03 bilhões, processo aprofundado no biênio seguinte com os US\$24,96 bilhões obtidos em 2008 e US\$25,35 bilhões de 2009. Em 2010, nova queda reduziu o saldo comercial para R\$20,27 bilhões, o menor desde 2003, mas que se recupera em 2011 quando a geração líquida de divisas atinge US\$ 29,80 bilhões (Tabela 1).

3 - COMPORTAMENTO DA BALANÇA COMERCIAL DA AGRICULTURA PAULISTA E BRASILEIRA⁴

Nos últimos anos da década de 1990, as exportações da agricultura paulista diminuíram lentamente, passando de US\$6,36 bilhões em 1997, para US\$5,46 bilhões em 2000. A partir de então passaram a exibir nítida tendência de crescimento, terminando essa fase em 2008 com US\$17,05 bilhões. Em 2009 há reversão do crescimento contínuo recuando para US\$15,98 bilhões. Em 2010, há novo crescimento alcançando US\$20,20 bilhões, movimento que continua para US\$23,11 bilhões em 2011. As importações da agricultura paulista caíram durante os seis primeiros anos da série analisada, de US\$5,59 bilhões em 1997, para US\$3,02 bilhões em 2002. Em 2003 iniciou-se fase de crescimento, terminando esse ciclo em 2008 com US\$7,78 bilhões. Em 2009, as aquisições externas setoriais paulistas recuam para US\$6,30 bilhões. Em 2010, retomase o crescimento das aquisições externas atingindo US\$8,06 bilhões e, em continuidade, alcança US\$10,57 bilhões em 2011 (Tabela 2).

⁴As transformações setoriais da agricultura produziram significativos efeitos econômicos, sociais e espaciais. Daí a necessidade de padronizar conceitos para evitar confusões de caráter meramente semântico. Assim sendo, optou-se, neste texto, pelo conceito abrangente de agricultura, que envolve toda a amplitude setorial, no sentido *farm to table* (da roça à mesa), e que caracteriza essa agricultura brasileira que se industrializou e incorporou o padrão da 2ª Revolução Industrial do final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Faz parte integrante dessa agricultura, a agroindústria de insumos e máquinas (bens de capital da agricultura), a agroindústria de processamento e de alimentos (agroindústrias de processamento de bens intermediários e de produtos finais) e a imensa gama de agrosserviços (desde turismo rural - e/ou ecoturismo - como renda adicional de propriedades rurais, até agrosserviços financeiros como transações de agromercadoriais em Bolsas, passando pelo beneficiamento e padronização dos produtos agropecuários não processados). Nesse processo, a agricultura diferenciou-se da agropecuária, que perde relevância em termos de participação na renda e no emprego, tanto setorial, como da economia como um todo. O processo de desenvolvimento econômico proporcionou uma multiplicação de ramos produtivos, que ampliaram a capacidade de geração de renda e de empregos da agricultura, para muito mais além das "lavouras e criações no conceito da agropecuária".

TABELA 2 - Balança Comercial da Agricultura, Brasil, São Paulo e Conjunto das Demais Unidades da Federação, 1997 - 2011

(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Demais Unidades			São Paulo		
	Export.	Import.	Saldo	Export.	Import.	Saldo	Export.	Import.	Saldo
1997	24,96	12,69	12,28	18,60	7,10	11,51	6,36	5,59	0,77
1998	23,05	12,28	10,77	16,85	7,04	9,80	6,20	5,24	0,97
1999	21,66	9,11	12,56	15,45	5,24	10,22	6,21	3,87	2,34
2000	21,78	9,47	12,31	16,32	5,63	10,69	5,46	3,84	1,62
2001	25,01	8,56	16,45	18,81	5,01	13,81	6,20	3,55	2,64
2002	26,06	7,68	18,38	19,52	4,66	14,86	6,54	3,02	3,52
2003	32,43	8,51	23,92	24,76	5,34	19,42	7,67	3,17	4,50
2004	41,51	10,20	31,31	31,47	6,44	25,03	10,04	3,76	6,28
2005	46,30	10,07	36,23	34,55	6,29	28,26	11,75	3,78	7,97
2006	52,04	11,86	40,18	37,29	7,37	29,92	14,75	4,49	10,26
2007	61,88	17,21	44,67	46,36	11,68	34,68	15,52	5,53	9,99
2008	76,14	26,36	49,78	59,09	18,58	40,51	17,05	7,78	9,27
2009	67,56	18,53	49,03	51,58	12,23	39,34	15,98	6,30	9,69
2010	79,95	23,73	56,22	59,75	15,67	44,09	20,20	8,06	12,13
2011	98,94	33,26	65,68	75,83	22,69	53,14	23,11	10,57	12,54

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

O saldo da balança comercial da agricultura paulista aumentou continuamente no período 1997-2006, com exceção do ano de 2000, finalizando 2006 com um superávit de US\$10,26 bilhões. Entretanto, de 2007 em diante verifica-se a reversão dessa tendência de crescimento dos saldos da balança comercial setorial, que recua para US\$9,27 bilhões em 2008. No caso paulista, as quedas das divisas geradas pelas exportações de açúcar, cujos preços internacionais recuaram, explicam o recuo do superávit setorial no biênio 2007-08. Em 2009, ocorre nova reversão com aumento do saldo para US\$9,69 bilhões que se intensificou em 2010 atingindo US\$12,13, exatamente pela continuidade da nova temporada altista do açúcar no mercado internacional, a qual por ter arrefecido em 2011 reduziu o ritmo de aumento para consolidar em 2011 o montante de US\$12,54 bilhões de divisas líquidas (Tabela 2).

O valor das exportações da agricultura do conjunto das demais Unidades da Federação - que no primeiro ano do período em análise atingiu US\$18,60 bilhões - diminuiu até 1999, apresentando valores crescentes desse ano em diante, chegando a US\$59,09 bilhões em 2008. A crise econômica reverte esse crescimento conti-

nuo em 2009 com recuo das vendas externas para US\$51,58 bilhões. Em 2010, novo aumento fez com que as exportações da agricultura das demais Unidades da Federação voltassem ao patamar de 2008 ao alcançar US\$59,75 bilhões, trajetória que persiste pra concretizar US\$75,83 bilhões em 2011 (Tabela 2).

As importações da agricultura do conjunto das demais Unidades da Federação exibiram, em linhas gerais, comportamento similar às da agricultura paulista, com tendência de queda até 2002, e crescimento daí em diante, concluindo 2008 com a quantia de US\$18,58 bilhões. Verifica-se expressivo salto no biênio 2007-08, consequência do barateamento de produtos estrangeiros em função da valorização da moeda brasileira. Em 2009 as aquisições externas setoriais recuam de maneira expressiva para US\$12,23 bilhões, dados os impactos mais imediatos da crise econômica mundial de 2008 que combinou menor demanda interna com desvalorização da moeda brasileira. Em 2010, a conjunção de crescimento econômico com câmbio valorizado elevou as importações setoriais para US\$15,67 bilhões, processo que continuou em 2011 ao somar US\$22,69 bilhões (Tabela 2).

A balança comercial da agricultura do

conjunto das demais Unidades da Federação mostrou saldo em queda de US\$1,70 bilhão entre os anos de 1997 e 1998. Esse resultado passou a apresentar crescimento contínuo nos anos seguintes, terminando o ano de 2008 com superávit de US\$40,51 bilhões. Em 2009, quando a crise produziu redução das importações em percentuais maior que o das exportações, o saldo comercial recuou para US\$39,34 bilhões. Em 2010, verifica-se nova retomada do aumento dos saldos setoriais alcançando US\$44,09 bilhões que em 2011 atingiram US\$53,14 bilhões (Tabela 2).

Em nível nacional, a partir de 2001 as exportações da agricultura inverteram a tendência de queda observada entre 1997 e 2000, seguindo o comportamento da agricultura paulista, chegando em 2008 à quantia de US\$76,14 bilhões. Em 2009 as vendas externas setoriais recuaram para US\$67,56 bilhões em decorrência da redução de demanda fruto da crise mundial, uma vez que o câmbio sofreu desvalorização no imediato pós-crise. Ainda assim, os resultados não foram inferiores dada a manutenção de elevado patamar das compras chinesas de soja em grão e os ganhos das maiores quantidades e melhores preços do açúcar, como resultado da quebra da safra da Índia que de exportadora passou a importadora do produto. Em 2010, ainda que com valorização do câmbio, maiores preços internacionais dos principais produtos elevaram as vendas externas setoriais para US\$79,95 bilhões e para US\$98,94 bilhões em 2011 (Tabela 2).

O valor das importações da agricultura brasileira passou de US\$12,69 bilhões em 1997, para US\$26,36 bilhões em 2008. Em linhas gerais, a tendência de queda verificada até 2002 inverteu-se desse ano em diante, fechando o período 2002-06 em patamar ainda inferior ao de 1997. De 2007 em diante, ocorreu aceleração das importações da agricultura brasileira levando ao patamar de US\$26,36 bilhões em 2008, com reflexo da combinação entre câmbio desvalorizado e da alta de preços de produtos essenciais como trigo e derivados e dos fertilizantes. Em 2009, a crise internacional faz recuar as aquisições externas setoriais como resultante da menor demanda e da queda de preços das *commodities* e dos insumos. Na realidade de 2010 as condições de maiores preços internacionais associados à valorização cambial elevaram as importações para US\$23,73 bilhões e para US\$33,26

bilhões em 2011 (Tabela 2).

Os saldos da balança comercial da agricultura brasileira foram positivos em todos os anos de 1997 a 2006: porém, um ritmo mais acelerado de crescimento iniciou-se após o ano de 2000, fechando 2008 com superávit de US\$49,78 bilhões. Em linhas gerais esse comportamento refletiu aumentos das exportações em percentuais maiores que os verificados nas importações setoriais. Em 2009, a crise obstou esse crescimento contínuo, reduzindo o saldo comercial setorial para US\$49,03 bilhões e esse desempenho decorreu de razão diversa dos anos anteriores, pois o superávit foi viabilizado pelas quedas das importações em percentuais maiores que os das exportações. Em 2010 reverte-se o recuo ao obter-se saldo de US\$56,22 bilhões, conjuntura que em 2011 elevou para US\$65,68 bilhões (Tabela 2).

A relevância da agricultura, que apresentaram saldos comerciais positivos em todos aos anos considerados (Tabela 2), pode ser aqilatada quando se considera o desempenho da balança comercial dos demais setores. Tanto para o Brasil como um todo, como para as demais Unidades da Federação (exclusive São Paulo), superávits passaram a existir apenas a partir de 2003, sendo que em São Paulo em todos aos anos há déficit das transações dos demais setores com o exterior. Esse déficit dos demais setores paulistas tinha recuado de US\$11,2 bilhões em 1997 para US\$0,46 bilhão em 2005, mas com a valorização da moeda nacional alcança US\$34,79 bilhões em 2011, sendo crescente nos últimos cinco anos repercutindo no desempenho nacional, que após recuo e reversão dos saldos negativos de US\$19,03 bilhões em 1997 para superávit crescente no período 2003-2005 (de US\$0,86 bilhão para US\$8,47 bilhões) passa a recuar para se converter novamente em déficit crescente que atingiu o ápice de US\$35,96 bilhões em 2010, patamar que se manteve com saldo negativo de US\$35,88 bilhões em 2011 (Tabela 3).

4 - AGREGAÇÃO DE VALOR NAS EXPORTAÇÕES: São Paulo agrorindustrial-exportador num Brasil primário-exportador

No período 1997-2011 as exportações de produtos básicos da agricultura paulista sal-

TABELA 3 - Balança Comercial dos Demais Setores do Brasil, de São Paulo e do Conjunto das Demais Unidades da Federação, 1997 - 2011

(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Demais Unidades			São Paulo		
	Export.	Import.	Saldo	Export.	Import.	Saldo	Export.	Import.	Saldo
1997	28,03	47,06	-19,03	16,29	24,13	-7,83	11,74	22,93	-11,20
1998	28,09	45,44	-17,35	16,07	22,74	-6,68	12,02	22,69	-10,67
1999	26,35	40,10	-13,75	15,01	20,66	-5,65	11,33	19,44	-8,11
2000	33,31	46,31	-13,00	18,98	24,58	-5,60	14,33	21,73	-7,41
2001	33,22	47,01	-13,80	18,79	25,79	-7,00	14,43	21,23	-6,80
2002	34,30	39,56	-5,26	20,73	22,74	-2,01	13,57	16,82	-3,25
2003	40,65	39,79	0,86	25,25	22,63	2,62	15,40	17,16	-1,76
2004	54,96	52,63	2,33	33,96	29,28	4,68	21,00	23,35	-2,35
2005	72,01	63,54	8,47	45,75	36,82	8,93	26,26	26,72	-0,46
2006	85,77	79,49	6,28	54,37	46,93	7,44	31,40	32,56	-1,16
2007	98,77	103,41	-4,64	62,56	60,52	2,04	36,21	42,89	-6,68
2008	121,80	146,62	-24,82	81,46	88,05	-6,59	40,34	58,57	-18,23
2009	85,44	109,12	-23,68	58,96	64,93	-5,97	26,48	44,19	-17,71
2010	121,96	157,92	-35,96	89,86	98,20	-8,34	32,10	59,71	-27,61
2011	157,10	192,98	-35,88	120,30	121,39	-1,09	36,80	71,59	-34,79

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

tam de patamar, saindo de pouco mais de US\$1,0 bilhão no período 1997-2002, para níveis superiores a US\$2,6 bilhões no biênio 2004-2005 e atingindo US\$3,61 bilhões em 2008. Na crise econômica recua para US\$2,85 bilhões em 2009, mas volta ao patamar de US\$3,58 bilhões em 2010 e avança para US\$4,39 bilhões em 2011. Quando são considerados os produtos processados, os valores das vendas externas da agricultura paulista são maiores, tendo evoluído de patamares em torno dos US\$5,0 bilhões no período 1997-2002 para níveis muito mais elevados, acima de US\$13,44 bilhões em 2008, embora tenham recuado para US\$12,14 bilhões em 2009, volta a crescer atingindo US\$16,62 bilhões em 2010 e US\$18,72 bilhões em 2011 (Tabela 4).

Quando se avalia o comportamento das exportações da agricultura brasileira, verifica-se que as vendas de produtos básicos, que eram de US\$11,20 bilhões em 1997, recuaram para US\$8,63 bilhões em 1999, face às crises econômicas como a asiática no final de 1997, seguida da russa, da própria brasileira e argentina que como reflexo produziram desaceleração da economia mundial. Desse ano em diante apresentaram vertiginoso processo de expansão atingindo US\$39,83 bilhões em 2008, conquanto tenham

recuado para US\$37,64 bilhões em 2009, como decorrência da crise mundial que afetou o comércio exterior desde a segunda metade de 2008, mas volta a mostrar ganho significativo ao atingir US\$42,02 bilhões em 2010 e US\$55,42 bilhões em 2011. Em termos de produtos processados, os incrementos foram expressivos, uma vez que de US\$13,77 bilhões em 1997 atingiu-se US\$36,31 bilhões em 2008, patamar que recua para US\$29,92 bilhões em 2009, mas que cresce para US\$37,94 bilhões em 2010 e alcança US\$43,53 bilhões em 2011 (Tabela 4).

Isso deriva de que as exportações das demais Unidades da Federação concentram-se em produtos básicos os quais, após recuarem de US\$9,90 bilhões em 1997 para 7,51 bilhões em 1999, ganham notável dinamismo para alcançarem US\$36,22 bilhões em 2008, recuando para US\$34,79 bilhões em 2009, e voltando a avançar para US\$38,44 bilhões em 2010 e US\$51,03 bilhões em 2011. Já nos produtos processados, após manutenção no patamar de US\$8,70 bilhões entre 1997 e 2001, também ocorre expansão expressiva alcançando US\$22,87 bilhões em 2008. Em 2009 esse perfil de agregação de valor nas exportações recuou para US\$16,78 bilhões, mas voltou a crescer para US\$21,32 bilhões em

TABELA 4 - Agregação de Valor nas Exportações da Agricultura, Brasil, São Paulo e Demais Unidades da Federação, 1997 - 2011

(US\$ bilhão)

Ano	Brasil			Demais Unidades			São Paulo		
	Básicos	Proc. ¹	Total	Básicos	Proc. ¹	Total	Básicos	Proc. ¹	Total
1997	11,20	13,77	24,96	1,30	5,06	6,36	9,90	8,70	18,60
1998	9,27	13,78	23,05	0,94	5,26	6,20	8,33	8,52	16,85
1999	8,63	13,04	21,66	1,12	5,09	6,21	7,51	7,95	15,46
2000	8,82	12,96	21,78	1,02	4,44	5,46	7,80	8,52	16,32
2001	11,18	13,83	25,01	1,13	5,06	6,20	10,05	8,76	18,81
2002	11,69	14,37	26,06	1,32	5,22	6,54	10,38	9,15	19,52
2003	14,92	17,51	32,43	1,65	6,02	7,67	13,27	11,49	24,76
2004	20,20	21,31	41,51	2,77	7,27	10,04	17,43	14,04	31,47
2005	21,92	24,38	46,30	2,71	9,04	11,75	19,21	15,34	34,55
2006	22,84	29,20	52,04	2,57	12,18	14,75	20,27	17,02	37,29
2007	29,82	32,06	61,88	3,07	12,45	15,52	26,75	19,61	46,36
2008	39,83	36,31	76,14	3,61	13,44	17,05	36,22	22,87	59,09
2009	37,64	29,92	67,56	2,85	13,14	15,98	34,79	16,78	51,58
2010	42,02	37,94	79,95	3,58	16,62	20,20	38,44	21,32	59,76
2011	55,42	43,53	98,94	4,39	18,72	23,11	51,03	24,81	75,84

¹Processados correspondem a semimanufaturados mais manufaturados.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

2010 e atingiu US\$24,81 bilhões em 2011 (Tabela 4).

Em função desses indicadores, a agricultura paulista apresenta uma baixa participação dos produtos básicos na pauta de exportações. Excepcionalmente o ano 2004, quando o câmbio impulsionou as exportações paulistas de grãos, em todos os demais anos do período 1997-2009, verificam-se proporções de produtos básicos em torno de um quinto (20,0%). Nos anos recentes há crescimento da participação dos produtos básicos de 17,42% em 2006 para 21,19% em 2008, mas com novo recuo para 17,72% em 2010 e aumento para 18,99% em 2011. Isso em decorrência da condição agroindustrial exportadora da agricultura paulista, uma vez que quatro quintos (80,0%) das exportações setoriais do período 1997-2008 foram de produtos com agregação de valor por transformação agroindustrial. Entretanto, nos últimos anos nota-se um recuo da participação de produtos processados de 82,58% em 2006 para 78,81% em 2008, mas retorna ao patamar anterior com 82,28% em 2010 e volta a 81,01% em 2011 (Tabela 5).

Em termos percentuais, as vendas externas de produtos básicos da agricultura brasi-

leira não apenas são muito superiores aos verificados para o caso paulista, como são crescentes indo de 44,86% em 1997 para 55,71% em 2009, ajustando para 52,55% em 2010 e elevando para 56,01% em 2011. Nota-se de forma nítida que nos anos recentes as exportações setoriais brasileira reforçam a condição histórica de nação primário-exportadora, ou seja, as vendas externas não consistem num processo que reforce a difusão de agroindústrias multiplicando a renda e o emprego no mercado interno. Essa expressiva participação dos produtos básicos faz com que as vendas de produtos processados, cujos percentuais cresceram de 55,14% em 1997 para 60,17% em 1999, passem a constituir tendência de queda persistente, atingindo 44,29% em 2009, voltando ao patamar de 47,45% em 2010 e 43,99% em 2011, o que confirma o argumento de que a inserção mais recente da agricultura brasileira no mercado internacional deu-se pela maior expansão das vendas de produtos básicos (Tabela 5).

Em termos proporcionais, há uma nítida prevalência dos produtos básicos nas exportações da agricultura das Demais Unidades da Federação, indicador que após recuar de 53,21%

TABELA 5 - Agregação de Valor nas Exportações da Agricultura, Brasil, São Paulo e Demais Unidades da Federação, 1997 - 2011

(em %)

Ano	Brasil			São Paulo			Demais Unidades		
	Básicos	Proc. ¹	Total	Básicos	Proc. ¹	Total	Básicos	Proc. ¹	Total
1997	44,86	55,14	100,00	20,41	79,59	100,00	53,21	46,79	100,00
1998	40,21	59,79	100,00	15,21	84,79	100,00	49,42	50,58	100,00
1999	39,83	60,17	100,00	18,01	81,99	100,00	48,59	51,41	100,00
2000	40,51	59,49	100,00	18,73	81,27	100,00	47,79	52,21	100,00
2001	44,70	55,30	100,00	18,29	81,71	100,00	53,41	46,59	100,00
2002	44,86	55,14	100,00	20,11	79,89	100,00	53,15	46,85	100,00
2003	46,01	53,99	100,00	21,45	78,55	100,00	53,61	46,39	100,00
2004	48,66	51,34	100,00	27,55	72,45	100,00	55,39	44,61	100,00
2005	47,35	52,65	100,00	23,06	76,94	100,00	55,61	44,39	100,00
2006	43,89	56,11	100,00	17,42	82,58	100,00	54,36	45,64	100,00
2007	48,19	51,81	100,00	19,78	80,22	100,00	57,70	42,30	100,00
2008	52,32	47,68	100,00	21,19	78,81	100,00	61,30	38,70	100,00
2009	55,71	44,29	100,00	17,81	82,19	100,00	67,46	32,54	100,00
2010	52,55	47,45	100,00	17,72	82,28	100,00	64,32	35,68	100,00
2011	56,01	43,99	100,00	18,99	81,01	100,00	67,29	32,71	100,00

¹Processados correspondem a semimanufaturados mais manufaturados.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

em 1997 para 47,79% em 2000, cresce de forma significativa para atingir 67,46% em 2009 e realiza ajuste para 64,32% em 2010 e aumenta para 67,29% em 2011. Com os produtos processados, após crescimento de 46,79% em 1997 para 52,21% em 2000, há o expressivo recuo para 32,54% em 2009, e aumento para 35,68% em 2010 e nova queda para 32,71% em 2011 (Tabela 5). Configura-se assim a realidade primário-exportadora verificada no conjunto das Demais Unidades da federação brasileira quando se exclui São Paulo.

5 - SÃO PAULO NO BRASIL E AGRICULTURA NA ECONOMIA: as participações na balança comercial

A visão global do período 1997-2011 revela que o Estado de São Paulo consiste na mais importante plataforma de comércio exterior do Brasil, com percentuais significativos das vendas externas e ainda mais expressivos de importações. Em linhas gerais, portanto, pela corrente de comércio realizada, a economia paulista configura a face competitiva e moderna da brasileira. Isso também se verifica nos agronegócios. Nas

exportações paulistas da agricultura prevalecem os produtos com agregação de valor e nas importações a aquisição de elementos que movem a moderna agroindústria estadual de bens de capital e insumos, que abastece a moderna agricultura brasileira. A participação das exportações paulistas no total brasileiro apresentou tendência de queda reduzida, mas persistente, no período 1997-2007. Nesse processo, passa de 34,14% em 1997 para 32,20% em 2007, movimento que se acelera nos anos seguintes, alcançando 25,90% em 2010 e recua para 23,40% em 2011. A participação das importações paulistas também sofreu significativa diminuição no período 1997-2011, iniciando o período com percentual de 47,74% e terminando com 36,32% em 2011 (Tabela 6).

As exportações da agricultura paulista, que respondiam por 25,47% das exportações da agricultura brasileira em 1997, aumentaram em participação até 1999, quando se iniciou tendência de queda que se estendeu até 2003, e voltaram a crescer proporcionalmente desse ano em diante, atingindo 2006 com o percentual de 28,34%, mas mostra novo recuo alcançando 22,39% em 2008. Novo ciclo de crescimento vem a seguir alcançando 25,26% em 2010, fruto da

TABELA 6 - Participação do Estado de São Paulo na Balança Comercial Nacional, 1997-2011
(em %)

Ano	Total		Agronegócio	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação
1997	34,14	47,74	25,47	44,08
1998	35,64	48,40	26,92	42,67
1999	36,54	47,37	28,65	42,50
2000	35,92	45,85	25,07	40,58
2001	35,42	44,59	24,78	41,51
2002	33,31	41,99	25,09	39,31
2003	31,57	42,09	23,65	37,25
2004	32,18	43,15	24,19	36,86
2005	32,13	41,43	25,38	37,54
2006	33,49	40,56	28,34	37,86
2007	32,20	40,14	25,08	32,13
2008	29,15	38,30	22,39	29,51
2009	27,76	39,55	23,66	33,97
2010	25,90	37,31	25,26	33,97
2011	23,40	36,32	23,36	31,78

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

recuperação no mercado internacional do açúcar. O esgotamento dessa condição privilegiada leva a nova queda para 23,36% em 2011. A participação das importações da agricultura paulista nas importações da agricultura brasileira apresentou forte redução, caindo de 44,08% em 1997 para 29,51% em 2008. Em 2009 e 2010, verifica-se crescimento da representatividade das aquisições setoriais paulistas no exterior, indo para 33,97%, mas tornando a recuar para 31,78% em 2011 (Tabela 6).

A participação das exportações da agricultura brasileira nas exportações nacionais, no período 1997-2000, também se reduziu de 47,11% para 39,54%. Na fase seguinte, até 2003, experimentou recuperação, atingindo 44,38. Retorna a apresentar queda para alcançar 37,76% em 2006. Em sequência, após manter-se no biênio 2007-2008 totalizando 38,47% neste último ano, salta para 44,16% em 2009, pois as vendas externas dos demais setores sofreram maior impacto da crise econômica de 2008. Em 2010 torna a recuar para 39,60% continuando em queda para 38,64% em 2011. Com exceção do período 2002-2003, a participação das importações da agricultura brasileira nas importações nacionais sofreu acentuada queda, de 21,24% em 1997, para 15,40% em 2001. Há novo incre-

mento alcançando 17,62% em 2003, mas revertido para 12,98% em 2006. Ressurge o movimento de alta atingindo 15,22% em 2008, o que reverte para nova queda até os 13,06% de 2010, com outra reversão para 14,70% em 2011 (Tabela 7).

Em relação às exportações estaduais, em linhas gerais, a participação das exportações da agricultura paulista reduziu-se de patamar da ordem de 35% no período 1997-1999, para a casa dos 32% em 2002-2006, com resultados mais modestos em 2000 e em 2001 e ficando abaixo de 30% em 2008. A crise internacional manifestada em 2009 e os preços favoráveis do açúcar recolocam a representatividade da agricultura nas exportações estaduais no biênio 2009-2010, levando-a a 38,62% em 2010, patamar que se repete com 38,57% em 2011. A nítida tendência de queda na participação das importações da agricultura paulista no total de importações estaduais observada de 1997 a 2001 voltou a ser perceptível a partir de 2003, após certo crescimento em 2002 e 2003. Comparando-se, inicia com 19,61% em 1997 e finaliza com 11,42% em 2007. Segue-se nova fase de alta que atinge 12,47% em 2009, patamar que recua para 11,89% em 2010, mas que retoma alta com 12,87% em 2011 (Tabela 7).

TABELA 7 - Participação da Agricultura nas Respectivas Balanças Comerciais, Brasil, São Paulo e Demais Unidades da Federação, 1997-2011

Ano	Brasil		São Paulo		Demais Unidades da Federação	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação	Exportação	Importação
1997	47,11	21,24	35,15	19,61	53,31	22,72
1998	45,08	21,27	34,04	18,76	51,19	23,63
1999	45,12	18,51	35,39	16,61	50,73	20,22
2000	39,54	16,98	27,60	15,03	46,23	18,63
2001	42,95	15,40	30,04	14,34	50,03	16,26
2002	43,18	16,26	32,53	15,23	48,50	17,01
2003	44,38	17,62	33,25	15,59	49,51	19,09
2004	43,03	16,23	32,35	13,87	48,10	18,03
2005	39,13	13,68	30,91	12,39	43,03	14,59
2006	37,76	12,98	31,96	12,12	40,68	13,57
2007	38,52	14,27	30,00	11,42	42,56	16,18
2008	38,47	15,22	29,55	11,73	42,14	17,39
2009	44,16	14,52	37,64	12,47	46,66	15,85
2010	39,60	13,06	38,62	11,89	39,94	13,76
2011	38,64	14,70	38,57	12,87	38,66	15,75

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Nas Demais Unidades da Federação, a participação das exportações da agricultura nas exportações totais também diminuiu no período de 1997-2006, exceto entre 2001 e 2003, de 53,31% em 1997 para 40,68% em 2006. Em 2007 há novo incremento alcançando 42,56%. Indicador que se mantém em 42,14% em 2008 para saltar para 46,66% em 2009. Em 2010 verifica-se recuo para 39,94% pela retomada das vendas de minério que tem continuidade com os 38,66% de 2011. O mesmo comportamento foi exibido pelas importações da agricultura das Demais Unidades da Federação, cuja participação no total nacional diminuiu de 22,72% em 1997 para 13,57% em 2006. Em 2007 há significativo aumento para 16,18%, ritmo que se mantém para alcançar 17,39% em 2008. Na fase seguinte verifica-se queda abrupta para atingir 13,76% em 2010, mas retomando a 15,75% em 2011 (Tabela 7).

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento da balança comercial, tanto no caso paulista como no brasileiro, revela a resposta às medidas de mudança no

regime cambial, com a adoção do câmbio flutuante ao invés do câmbio fixo, com o que, num primeiro momento, ocorreu significativa desvalorização da moeda brasileira na mesma época em que as compras internacionais elevaram-se. Dessa forma, a estrutura produtiva brasileira aproveitou as condições favoráveis ampliando mercados. Com a crise internacional de 2009, ocorre desempenho inferior aos dos anos anteriores, revertido em 2010 e 2011 com novos aumentos das exportações, mas nessa retomada numa realidade de apreciação cambial, as compras externas avançam em função dos preços internacionais de *commodities* mais altos.

O desempenho da fase de saldos positivos tem relação direta com as mudanças na política cambial brasileira, executadas em janeiro de 1999. Num primeiro momento houve desvalorização da moeda nacional até maio de 2004 produzindo saldos crescentes. No segundo momento a apreciação recente frente ao dólar produziu o recuo do saldo comercial que persiste até 2011, sendo que, no caso paulista, passou a ser novamente negativo nos últimos quatro anos. A valorização da moeda brasileira representa um elemento fundamental para a economia brasileira, que não apenas perde competitividade

externa em relevantes segmentos produtivos como se verifica queda livre dos saldos comerciais com a elevação das importações em ritmo mais acelerado que as exportações.

A crise internacional de 2008 que abalou as economias das principais nações mundiais impactou de forma decisiva a balança comercial dos agronegócios, com quedas tanto das exportações como das importações refletindo em menores fluxos de comércio no ano de 2009. Em 2011, contudo, retomaram-se as exportações setoriais que foram fundamentais, pois os déficits dos demais setores cresceram em São Paulo e se mantiveram no Brasil apesar do superávit das Demais Unidades da Federação, principalmente em função das exportações de minérios. De qualquer maneira, a realidade vivida em 2011 de crescimento econômico com câmbio valorizado, barateando em demasia os preços dos produtos estrangeiros, elevou os dispêndios com importações, em especial de manufaturados.

Em linhas gerais fica caracterizada a importância da agricultura para as contas externas brasileiras, na medida em que os demais setores da economia apresentam déficits nas suas transações com o exterior. Da mesma maneira há outro elemento essencial, derivado de que a estrutura agroindustrial paulista, em especial a de bens de capital e insumos, acaba sustentando, com as importações dessas mercadorias, os surtos modernizadores da agricultura das Demais Unidades da Federação brasileira. Ademais, São Paulo, com sua logística privilegiada e estrutura de agrosserviços transacionais e financeiros, concentra o fluxo dos produtos destinados ao exterior, conformando-se como principal plataforma do comércio exterior setorial.

A análise dos indicadores apresentados mostra algumas diferenciações estruturais relevantes no movimento das exportações brasileiras. Numa leitura nacional, nota-se não apenas uma realidade primário-exportadora, como também fica patente o fato de que os anos recentes vêm reforçando essa característica com percentuais cada vez maiores de produtos básicos. Esse desempenho ocorre na contramão da leitura de desenvolvimento de tradição cepalina que preceituava o aprofundamento do processo de industrialização, o que em economias continentais como a brasileira implicaria a multiplicação de agroindústrias. Um dos elementos

fundamentais para estimular esse processo consiste na denominada “Lei Kandir” (Lei Complementar n. 87, de 13 de dezembro de 1996) que desonera as vendas externas de produtos básicos mas mantém a tributação de produtos processados, num nítido tratamento de desestímulo às exportações de produtos processados.

As participações estaduais e/ou setoriais no comércio exterior associam-se a elementos que formam o ambiente macroeconômico que condiciona as transações entre nações. Desde logo o câmbio, que apresentou desvalorização da moeda nacional entre 1997-2004, acabou por estimular exportações e tornar as importações menos atrativas. Com a valorização pós-2004, tem-se movimento reverso. Assim, ocorrem impactos nas participações setoriais e estaduais em função desse movimento cambial. Essa condição manifesta-se na presença de outro determinante, qual seja o patamar de preços internacionais, uma vez que preços internacionais crescentes com câmbio em valorização podem levar aos incrementos de exportação. Mas isso não se dá de forma uniforme em todo o Brasil, dada a especialização regional em alguns produtos. A agricultura paulista, por exemplo, que tem como principal mercadoria exportada o açúcar, face aos preços internacionais cadentes em 2007, perdeu participação nacional, uma vez que as demais Unidades da Federação foram favorecidas com os maiores preços de seu principal produto em 2007, qual seja a soja e derivados. Nos anos seguintes, ocorreu o inverso com os maiores preços do açúcar, levando ao crescimento da participação paulista.

Noutra leitura da regionalidade das exportações da agricultura notam-se as relevantes diferenças estruturais entre a agricultura paulista e a do conjunto das Demais Unidades da federação, na medida em que, em São Paulo, parcela expressiva das vendas externas corresponde a produtos processados, enquanto nas demais Unidades da Federação prevalecem os produtos básicos. Noutras palavras, uma economia agroindustrial exportadora nas terras paulistas face à condição ainda primário-exportadora das demais regiões brasileiras. Nesse sentido o processo de desconcentração produtiva atingiu a moderna agropecuária, mas ainda não alcançou expressão na estrutura agroindustrial de processamento.

Essa territorialidade mostra o equívoco da centralização da capacidade de realizar políticas públicas no Governo Federal, além de que coloca em discussão o sentido do fulcro da política voltada para a expansão da fronteira agropecuária, com intenso uso da guerra fiscal, apoio de políticas federais que não solucionam a realidade de endividamento crescente e que produzem o aumento da dependência externa na importação de fertilizantes. Isso sem contar que todo esse processo de estímulo às vendas externas de

produtos básicos acaba por refletir-se na ocupação dos espaços de vegetação nativa nos Cerrados e mesmo na Amazônia. As obras de infraestrutura que cancelam a expansão realizada sustentando o pretérito processo de acumulação primitiva pelos ganhos patrimoniais da abertura de novas “fazendas” acabam por dar os contornos mais dramáticos à realidade. Esses elementos devem fazer parte da agenda das políticas para um novo ciclo de desenvolvimento da agricultura paulista e brasileira.

LITERATURA CITADA

CANO, W. A. Industrialização e o desenvolvimento do capitalismo retardatário no Brasil (1880- 1980). In: CANO, W. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional**, Campinas: Hucitec, 1993, p.15-21.

_____. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1980, 318p.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1989. 291p.

VICENTE, J. R. et al. **Sistema de Importações e Exportações da agricultura (Sistema IEA): conceituação e análise dos resultados, 1997-2001**. São Paulo: APTA/SAA, 2002. 358p. (Série Ação APTA, n. 5).

COMÉRCIO EXTERIOR DAS AGRICULTURAS PAULISTA E BRASILEIRA NO PERÍODO 1997-2011: distintas composições estruturais e diferenças de desempenho

RESUMO: *A análise dos indicadores de comércio exterior mostra que a agricultura é o setor superavitário tanto da economia paulista quanto da brasileira. As contas externas setoriais mudaram de comportamento com a mudança da política cambial do regime de câmbio fixo para o de câmbio flutuante no início de 1999, e com o processo de desvalorização da moeda brasileira que ocorreu até maio de 2004. No período seguinte, a valorização foi em parte compensada pelos preços internacionais crescentes de alguns produtos importantes como a soja em grão e o açúcar, mantendo o crescimento para os valores expressos em moeda norte-americana. Foi comprovada a existência, no Estado de São Paulo de uma agricultura agroindustrial-exportadora, em um Brasil ainda primário-exportador, mostrando a necessidade de diferentes enfoques de políticas públicas. Os preços internacionais de commodities favorecem o desempenho primário-exportador em uma realidade de dificuldades para produtos processados, o que acaba penalizando a economia paulista.*

Palavras-chave: *agronegócios, balança comercial, exportações, agregação de valor.*

SÃO PAULO STATE AND BRAZILIAN FOREIGN AGRICULTURAL TRADE OVER 1997-2011: various compositions and structural differences in performance

ABSTRACT: *The analysis of foreign trade indicators shows that agriculture is the surplus sector of both São Paulo's and Brazil's economies. The external sector accounts changed their behavior due to the change of the exchange rate policy, from fixed exchange rates to floating exchange rates in early*

1999, and the process of the Brazilian currency devaluation that occurred until May 2004. In the following period, the appreciation was partly compensated by rising international prices of some important products, such as soy beans and sugar, keeping growth for the values expressed in U.S. currency. While the São Paulo state has been proved to have agroindustrial-export agriculture, while Brazil as a whole is still a primary exporter, which evidences the need for different public policy approaches. The international commodity prices favor the primary export performance in a difficult reality for processed products, which ends up penalizing the economy of the state of São Paulo.

Key-words: agribusiness, trade balance, exports, value adding.

Recebido em 17/01/2012. Liberado para publicação em 01/03/2012.